



EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA: UMA VIA SEM RETORNO

Amarilda Egas de Sá¹

RESUMO

Após o impacto do COVID-19, a importância da educação tecnológica tornou-se ainda mais evidente em nossas vidas. O mundo digital está em constante evolução, e investir em habilidades tecnológicas é fundamental para se manter relevante no mercado de trabalho atual. Com a crescente demanda por profissionais qualificados em áreas como programação, análise de dados e desenvolvimento de aplicativos, a educação tecnológica surge como um pilar essencial para o sucesso profissional. Assim, este estudo qualitativo tem a pretensão de compreender o uso de salas de aula híbridas como ferramentas para mudança educacional no contexto do novo normal. Assim os resultados revelaram que adquirir conhecimentos nesse campo não apenas abre portas para oportunidades de carreira promissoras, mas também estimula o pensamento crítico, a resolução de problemas e a criatividade. Dessa forma, nesse novo cenário pós-covid, a busca por educação tecnológica se torna uma prioridade para indivíduos de todas as idades que buscam se manter atualizados e competitivos em um mundo cada vez mais digitalizado.

Palavras-chave: Educação Tecnológica; Mundo Digitalizado; Pós-covid.

ABSTRACT

After the impact of COVID-19, the importance of technology education has become even more evident in our lives. The digital world is constantly evolving, and investing in tech skills is key to staying relevant in today's job market. With the growing demand for skilled professionals in areas such as programming, data analysis, and application development, technology education emerges as an essential pillar for professional success. Thus, this qualitative study aims to understand the use of hybrid classrooms as tools for educational change in the context of the new normal. Thus, the results revealed that acquiring knowledge in this field not only opens doors to promising career opportunities, but also stimulates critical thinking, problem-solving, and creativity. Thus, in this new post-covid scenario, the search for technological education becomes a priority for individuals of all ages who seek to stay up-to-date and competitive in an increasingly digitized world.

Keywords: Technological Education; Digitized World; Post-covid.

¹ Mestra em Ciência da Educação(Universidade Interamericana- Assunção/Paraguai) em 2022(aguardando revalidação do Diploma), Especialista em Educação, Saúde e Saberes Tradicionais(Universidade do Estado do Amazonas- UEA) em 2018, especialista em Psicopedagogia Institucional pela FAIBRA- Faculdade Integrada do Brasil (2014). Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA em 2012



INTRODUÇÃO

O ano de 2020 constituiu um dos espaços temporais em que se gerou a maior incerteza a nível mundial, pois foram levadas a cabo as consequências da proliferação em 2019 do COVID-19 em diferentes latitudes do planeta, que não foram apenas individualmente ou coletivamente físicos, mas como aponta Vargas (2020), também têm sido psicológicos e até sociais, econômicos ou políticos. Na verdade, o fenômeno foi estabelecido como uma pandemia, pois conforme indicado pela Organização Pan-Americana da Saúde -OPAS (2020), foi considerado desta forma devido ao perigo iminente que este evento representava para a saúde pública.

Esse fato acarretou derivações das quais, como apontam Sevillano e Azabache (2020), o campo educacional não escapou, pois, sua faceta presencial foi afetada em termos da necessidade de aplicar a tecnologia para promover o distanciamento social, o que criou lacunas em relação às pessoas que não conseguem acessá-la adequadamente. No entanto, o ensino semipresencial ou à distância parece ter sido a alternativa geralmente aceita para garantir a continuidade das atividades acadêmicas.

Tudo isso aconteceu, pois como aponta Covarrubias (2021), o fechamento de entidades de ensino público e privado ocorreu em mais de 190 países para restringir infecções, portanto, segundo cálculos das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), aproximadamente 1,2 bilhão de pessoas deixaram a presença física nas salas de aula para esperar por alternativas que atendessem à necessidade de seguir em frente sem riscos corporais. Portanto, deve-se notar que garantir o direito à educação é uma das metas que os Estados devem estabelecer, especialmente porque é uma diretriz legal, mas também política, e aplicar modalidades inovadoras para não comprometer é um dever.

Na verdade, a *Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas* (ONU, 1948), preconiza em seu artigo 26 que todos têm direito à educação, especialmente porque esta deve buscar o desenvolvimento da personalidade dos indivíduos. Da mesma forma, o *Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais da ONU* (1966) considera em seu artigo 13 que os Estados Partes no referido instrumento reconhecem que a humanidade deve



ser educada e, portanto, devem ser implementadas diretrizes para garantir até mesmo a obrigatoriedade desse princípio.

Ora, os referidos preceitos são meramente ilustrativos de uma questão amplamente desenvolvida em muitos mais textos normativos, tanto nacionais como internacionais, mas tudo isto é aludido para mostrar que a governação em geral deve sistematizar estratégias para consolidar o cumprimento dos seus deveres no que diz respeito à construção de conhecimento nas disciplinas. Este aspecto é especialmente decisivo num momento em que se vislumbram mudanças globais dado que, como aponta Telesur (2020), a vacinação já tinha começado em dezembro de 2020 em vários países, incluindo na América Latina, o que abre uma porta para o que se chama o novo normal.

Hernández, López e López (2020) sustentam que a nova normalidade se refere a um conceito dentro do qual se entende uma situação que não se assemelha a outras conhecidas, e que consiste em retornar a uma normalidade diferente daquela assimilada pelas pessoas. É por isso que nesta fase parece necessário estar aberto às mudanças que surgirão no futuro e entre essas modificações inclui a educação, que deve adaptar-se às circunstâncias. Uma das formas que tem sido considerada para continuar o ensino é através de salas de aula híbridas, que, como explica Gracia (2020), implicam um novo modelo híbrido que combina o ensino online e presencial como uma solução possível, e desta forma é apresentada a mistura entre a presença nas salas de aula com o uso de tecnologias de comunicação e informação, com o propósito de mediar a aprendizagem em uma pandemia.

É por tudo o que foi exposto que se pode perguntar: o novo normal representa uma oportunidade de transformação do fenómeno educativo? E em que consiste o uso de salas de aula híbridas em tudo isso? Com isso, os objetivos deste trabalho podem ser determinados. Assim sendo, como objetivo geral, propôs-se aqui compreender o uso de salas de aula híbridas como ferramentas para mudança educacional no contexto do novo normal.

Nesse sentido, os objetivos específicos desta pesquisa são descrever as implicações do novo normal; explicar a definição de mudança educacional e ilustrar a essência das salas de aula híbridas.

SOBRE O NOVO NORMAL



Ao referir-se ao novo normal como uma oportunidade para reconfigurar cenários, é natural ter em conta os critérios da UNESCO (2020) quando afirma que aceitamos o inaceitável durante demasiado tempo. Nossa realidade anterior não pode mais ser aceita como normal. Agora é a hora de mudar. Ou seja, esta fase de desenvolvimento social não terá as mesmas características do ritmo que antes era realizado de forma comunitária, pelo que é necessário adaptar-se a esta nova situação.

Em virtude da consideração anterior, Lew e Herrera (2020) afirmam que o retorno ao estado pré-pandemia é uma configuração difícil de alcançar dado que os danos causados direta e indiretamente pela COVID-19 variaram desde a economia até mesmo, o estado socioambiental. Por esta razão, argumenta-se que é necessário construir um novo normal, diferente do normal pré-pandemia porque é inviável (LEW; HERRERA, 2020), que está alinhado com a posição da UNESCO.

Tudo isso se sustenta na base fundamental de lembrar que a normalidade é definida como a qualidade ou condição do normal, ou seja, refere-se a tudo o que está inserido dentro do habitual, mas esta é, talvez, uma visão muito simplista da questão. Por isso, vale a pena recorrer a Matus e Hays (2015), que, indo além de uma visão reducionista do que deveria ser considerado normal, explicam que o diferente não é um fato natural ou uma construção isolada, mas sim uma produção que se realiza segundo uma normalidade imaginada e sustentada por instituições, discursos e práticas específicas que podem ser rastreadas para compreender seus efeitos e operações. A normalidade e a diferença têm, portanto, um elemento eminentemente político, assim como os estudos que partem desses discursos e práticas para gerar conhecimento sobre o que é normal e o que é diferente.

Portanto, a normalidade é muitas vezes apresentada como um palco gerado pela conjunção de elementos que são ditados de acordo com as normas ou costumes que ocorrem nas situações, bem como com determinadas estruturas sociais e políticas. Com isso, poderíamos dizer que esta nova normalidade que se supõe condicionar o mundo poderia representar o início de novas práticas que, se reiteradas, permeariam o *modus vivendi* das pessoas com o passar do tempo. Isso é essencial, pois como aponta Lorenzo (2020), do ponto de vista



científico, o retorno ao estilo de vida conhecido antes da pandemia poderia levar pelo menos dois anos desde que sua caracterização foi consolidada, e por isso tem sido produzida a transformação digital como meio de executar atividades que antes eram puramente presenciais.

Assim, pode-se afirmar que o novo normal não exclui a aplicação de diretrizes para manter o cuidado da humanidade, portanto não constituiria um retorno ao ritmo de vida pré-pandêmico. No entanto, pode representar a canalização de novas práticas que ajudam homens, mulheres e crianças a realizar as suas atividades diárias.

A MUDANÇA EDUCACIONAL

A mudança deve ser observada como um fenômeno que pode abrir portas sem perturbar a tranquilidade das pessoas. Na verdade, Brito (2020) indica que a mudança sempre existiu como uma necessidade pessoal, social e de grupo, razão pela qual as organizações, como sistemas abertos e complexos, devem estar em permanente adaptação para mudar com uma elevada capacidade de resposta e não só as organizações devem agarrar-se a esta questão, mas até os Estados também devem agarrá-la.

No campo da educação, o cenário mencionado anteriormente também pode ocorrer, e é por isso que às vezes se faz um apelo à mudança educacional. Esse conceito, segundo Castillo et al (2014), refere-se à inovação nas práticas de ensino, adaptação de novas tecnologias, inovações, modificações de desenhos curriculares, ações de ensino e outros, que podem proporcionar aos alunos áreas de aprendizagem e estudo mais amplas. relevante para os fins propostos pelo sistema acadêmico.

Existem ambientes em que a mudança educacional é viável para atingir os objetivos do Estado e da sociedade através de diretrizes curriculares, e é por isso que nestas condições ela deve ser observada como forma de potencializar o que já existe, ao contrário de tomá-la como fator de ruptura do que já é conhecido. Delgado (2010) afirma que se trata de um conceito que implica dois elementos psicoafetivos que lhe são inerentes: esperança e frustração. Uma mudança educacional vai além do desejo ou da vontade, implica planejamento, metodologia, mas, apesar disso, suas possibilidades são sempre incertas, que



sustenta então que o processo de mobilização de um sistema para outro pode não ser perfeito, mas tem potencial para ser melhorado desde que sejam considerados não apenas os elementos externos, mas também as manifestações dos poderes internos dos envolvidos.

Também é importante indicar que segundo Ferrer (2008) há uma diferença entre reforma educacional e mudança educacional, pois enquanto a primeira busca modificar radicalmente a base educacional, a segunda afeta as práticas. Na verdade, para o autor existem diferentes tipos de mudança e entre eles estão transformações estruturais que impactam na segmentação, continuidade e durabilidade dos componentes educacionais e passam, inclusive, por transformações no conhecimento (DUARTE, 2003). Ainda, transformações curriculares que tratam da definição, esboço e execução curricular.

Chuquilin e Zagaceta (2017) esclarecem que as reformas trazem mudanças curriculares, mas que às vezes essas mudanças não ocorrem na sua totalidade porque as reformas que resultam dos interesses políticos dos governos nos Estados às vezes não são compatíveis com os interesses dos estudantes ou do corpo docente. Por fim, organizacionais que são aqueles que afetam as circunstâncias em que se desenvolve o processo de aprendizagem nos centros destinados a esse fim. Bolívar (2012) explica que mudanças organizacionais devem ser criadas para adaptar o cumprimento do papel institucional no ensino de acordo com as necessidades do ambiente, especialmente para garantir o direito à educação.

No século XXI e especialmente como resultado da pandemia, a tecnologia (que muitas vezes não está ao alcance de todos), tornou-se uma aliada para continuar as atividades de aprendizagem e, portanto, as mudanças educacionais não devem ser descartadas deste ponto de vista como um fator para a progressão em direção a uma vida relativamente normal.

Por isso, é lógico recorrer às teses de Garcés et al. (2016), que relacionam a integração das tecnologias de comunicação e informação (TIC) ao sistema educativo e ao progresso face aos desafios de uma economia globalizada. sociedade, especialmente pela possibilidade de transformar os papéis dos professores, dos alunos e das metodologias aplicadas.

As vantagens da incorporação tecnológica residem em permitir atender uma diversidade de alunos de diferentes ambientes temporais e espaciais: casa,



escola, com horários flexíveis e com acesso a recursos online. Estes últimos pontos, segundo Falcón (2013), são muito importantes para ajudar aquelas pessoas que não conseguem se adaptar a um esquema rígido de aprendizagem.

O impulso para a aprendizagem aberta, que também deriva da vantagem anterior, e que segundo Alcibar et al. (2018) também resulta numa forma de fornecer conhecimento continuamente. Ademais, complementa as formas de educar, porque dá a possibilidade de atingir populações remotas e com pouca oferta acadêmica, determinando assim um benefício que pode afetar o seu futuro imediato em termos de possibilidades intelectuais e de emprego, elevando o seu nível de vida, entre outros. Isso porque, conforme explica Garduño (2006), a tecnologia permite estabelecer diálogos à distância, tanto individuais quanto coletivos.

Uma vez delineado o que foi dito acima, a figura da sala de aula híbrida entra na equação. Na relação entre a mudança educativa e a utilização de tecnologias numa pandemia e no caminho para alcançar uma nova normalidade, este modelo deve ser estudado para determinar a sua utilidade em todo este aspecto.

SALAS DE AULA HÍBRIDAS

Uma sala de aula, numa perspectiva simplista, é definida como uma sala destinada ao ensino. Porém, indo além dessa visão, poderia ser assumido como um espaço dentro do qual se realiza a construção do conhecimento e a interação humana também ocorre a partir de diversos pontos: acadêmico, pessoal, comunicativo, entre outros. Em decorrência da crise provocada pelo coronavírus, a implementação do ensino híbrido foi proposta como alternativa para a progressão deste problema.

A educação híbrida é atualmente concebida como mais do que o mero resultado da mistura de métodos de ensino e formas de gestão presencial e virtual. Para além desta simbiose, é visto como um modelo pedagógico próprio e não fragmentado entre componentes presenciais e virtuais e como o mais adequado no contexto da atual disrupção digital para alcançar maior cobertura e qualidade.



Então, pode-se dizer que essa modalidade de ensino é produto da sinergia entre a mediação do ensino a distância e o que ocorre presencialmente. Uma das estratégias para a consolidação desta variante educacional é a utilização de salas de aula híbridas, que segundo Hernández (2021), permitiriam aos alunos construir seus conhecimentos ao vivo e, também, digitalmente, promovendo os mesmos processos de autonomia estudantil e de cooperação com os alunos. professor para atingir os objetivos declarados e o escopo das competências planejadas.

As salas de aula híbridas constituem canais para proporcionar aulas simultâneas virtuais e presenciais no âmbito da pandemia de Covid-19. Isto representa uma forma inovadora de lidar com o confinamento, no sentido de que com a procura de uma nova normalidade, pretende-se que a mesma não se estabeleça de forma extremamente rígida para regressar progressivamente ao desempenho das atividades da forma habitual que está mais próximo do estágio anterior à configuração da crise sanitária.

Assim, para o desenvolvimento deste tipo de ensino, é necessário investimento tecnológico, pois requer equipamentos como câmeras e microfones adequados para o sucesso dos objetivos levantados. Estes visam principalmente permitir que os professores estejam presentes nas suas salas de aula institucionais físicas, ao mesmo tempo que podem fornecer conhecimentos aos alunos que, devido à pandemia, não podem comparecer nos centros educativos e se encontram em zonas remotas.

No entanto, este objetivo poderia ser condicionado pelos recursos que enfrentam diferentes desafios de acordo com a variedade territorial. Segundo García (2021), o primeiro deles é aumentar a motivação dos alunos que, segundo seu critério, estão exaustos depois de passarem por um aprendizado predominantemente online, por isso é necessária uma nova mudança na educação que permita recuperar sua atenção e colocar desafios que os levam a ser melhores a cada dia.

Preparar os professores para a adaptação ao ensino híbrido e às salas de aula nesta modalidade, para que discutam estratégias para colaborar e combinar os conhecimentos ministrados presencialmente, mas dando continuidade ao uso das tecnologias (BEJINES, 2021). Manter e melhorar a infraestrutura do estado no sentido de dotar os centros de tecnologia adequada, incluindo cobertura de



internet e até ajudar para que os alunos possam ter computadores para fins de aprendizagem (HERNÁNDEZ, 2021).

O estabelecimento de protocolos governamentais que visam garantir a integridade pessoal (especialmente a saúde) de todos os atores que se manifestam fisicamente nas salas de aula. Esses protocolos devem ser variáveis para se adaptarem à realidade de cada instituição e, também, de cada tipo de aluno de acordo com fatores como idade, desenvolvimento, entre outros (ARCE, 2021).

Como se pode verificar, a consolidação da utilização de salas de aula híbridas representa um manancial de oportunidades e desafios, mas no final a sua finalidade terá que ser a conquista da aprendizagem dos alunos e, sobretudo, permitirão acompanhar uma aula ao vivo de outro espaço quando a capacidade da sala de aula designada for ultrapassada, embora também quando a transferência de alunos for impossível. A viabilidade desta estratégia nada mais é do que um reajuste dos parâmetros gerais segundo os quais o aluno deve reequilibrar-se, modificar adequadamente os seus esquemas ou construir novos, de acordo com a natureza dos conteúdos e o tipo de ajuda pedagógica (ALFARO, 2000). Neste caso, essa assistência na pedagogia partiria do professor e das instituições, da sociedade e até do próprio Estado, para conseguir o seu acoplamento a esta nova normalidade que é porta para a mutação dos costumes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Novos começos nem sempre são fáceis e muitas vezes podem encontrar obstáculos que impedem a fluidez no estabelecimento de novas práticas ou circunstâncias. O que aconteceu como resultado da pandemia do coronavírus testou a capacidade dos seres humanos de superar obstáculos e encontrar formas de sobreviver aos problemas que possam surgir, mas até agora, apesar das experiências negativas, continuamos com a vida de uma forma relativamente aceitável, além das consequências de saúde e morte que foram observadas.

A educação não pode parar porque é a força motriz da sociedade e, portanto, é dever de todos os atores educativos envidar esforços conjuntos para continuar um trabalho tão louvável face às adversidades. Neste trabalho foram levantadas as implicações de fazê-lo por meio da estruturação de salas de aula híbridas. Assim, de acordo com os objetivos declarados, foram geradas as



seguintes conclusões: a) o novo normal é uma reconfiguração de tudo o que já se sabe, para adaptá-lo à emergência sanitária caso ela retorne; b) a mudança educativa em termos de práticas e estratégias sob tal figura deve permitir a flexibilidade da comunidade educativa para entrar na fase da nova normalidade; e c) as salas de aula híbridas podem fazer parte desse repensar educacional no novo normal, pois sua essência é a união do uso da tecnologia com a presença, para que sejam atendidas as necessidades do maior número possível de alunos.

Na realização deste trabalho, as principais limitações encontradas para estudar o modelo de ensino híbrido foram a restrição de informações sobre o mesmo no contexto da pandemia e do novo normal, uma vez que não há a mesma abundância de dados bibliográficos sobre tal tema em comparação com outros temas de natureza educativa, e o caráter recente do surgimento desta estratégia também foi limitante, pois contribuiu para o que foi indicado pela primeira vez neste parágrafo, embora isso não tenha impedido que este escrito fosse apoiado.

Além disso, com base em tudo o que foi desenvolvido, foi estabelecido um quadro para futuras linhas de investigação, relacionadas com o potencial exploratório que existe relativamente ao impacto das salas de aula híbridas. Nesse sentido, estudos subsequentes poderiam quebrar a recepção que as salas de aula híbridas tiveram no contexto do novo normal; as implicações psicológicas nos estudantes, no que diz respeito à aplicação deste modelo em contraste com os paradigmas que neles se estabeleceram no contexto pré-pandemia; o impacto na noção de igualdade na facilitação do conhecimento entre os alunos que, de acordo com esta perspectiva, podem participar presencialmente em oposição àqueles que devem fazê-lo remotamente; a viabilidade de propostas para melhorar o desempenho do ensino híbrido, que podem ser apresentadas com foco nas instituições de ensino ou mesmo no Estado, entre outros temas que estão ligados à estrutura inovadora aqui discutida.

Agora, como destaca Marín (2012), é importante compreender que o mais importante é a intensidade com que vivemos, porque muitos vivem uma vida superficial, sem amar nem servir, e nesse sentido, a lição que resta para trazer à luz novos elementos dentro da práxis educativa é que ao vivenciar a etapa denominada “nova normalidade”, novas formas podem surgir nas quais os esquemas podem ser modificados para facilitar a existência dos seres humanos.



Portanto, é necessária abertura para novas experiências, para que a maleabilidade seja a melhor ferramenta para se blindar de futuros fenômenos disruptivos da vida cotidiana que possam causar perturbações nos próximos anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCIBAR, M., MONROY, A.; JIMÉNEZ, M. (2018). Impacto e utilização das tecnologias de informação e comunicação no ensino superior. **Tecnologia da Informação**, 29 (5), 101-110, 2018. DOI: <https://dx.doi.org/10.4067/S0718-07642018000500101>

ALFARO, M. **Avaliação de Aprendizagem**. Venezuela: FEDUPEL. 2000.

ARCE, J. Desafios para uma pedagogia inovadora no contexto da continuidade da crise sanitária. **Boletim de Opiniões Ibero-Americanas em Educação da Universidade Miguel de Cervantes**, (17), 28-29, 2021. <https://www.linkedin.com/feed/update/urn:li:activity:6760913419492212736/>

ARROYO-HERNÁNDEZ, H., QUIJANO-ECATE, R.; CLAVO, M. Análise das respostas aos rumores sobre o COVID-19 no Peru. **Revista Cubana de Informação em Ciências da Saúde**, 31 (3), 1579, 2020. http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2307-21132020000300005&lng=es&tlng=es.

BEJINES, C. Os desafios docentes da implementação da educação híbrida. **Boletim de Opiniões Ibero-Americanas em Educação da Universidade Miguel de Cervantes**, (17), 30-31, 2021. <https://www.linkedin.com/feed/update/urn:li:activity:6760913419492212736/>

BOLÍVAR, M. Por uma renovação organizacional das escolas. **Revista Mexicana de Pesquisa Educacional**, 17 (52), 313-320, 2012. http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-66662012000100014&lng=es&tlng=es

BRITO, Jorge Maurício. A singularidade pedagógica do ensino híbrido. EAD em foco, v. 10, n. 1, 2020.

CASTILLO, M., HAWES, G., CASTILLO, S., ROMERO, L., ROJAS, A., ESPINOZA, M.; OYARZO, S. Mudança educacional nas escolas médicas. **Revista Médica do Chile**, 142 (8), 1056-1060, 2014. DOI: <https://dx.doi.org/10.4067/S0034-98872014000800013>

CHUQUILIN, J.; ZAGACETA, M. O currículo da educação básica em tempos de transformação: os casos do México e do Peru. **Revista Mexicana de Pesquisa**



Educacional, 22 (72), 109-134, 2017. http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-66662017000100109&lng=es&tlng=es

COVARRUBIAS, L. Educação a distância: transformação da aprendizagem. *Telos: Revista de Estudos Interdisciplinares em Ciências Sociais*, 23 (1), 150-160, 2021. DOI: www.doi.org/10.36390/telos231.12

DELGADO, A. Mudança educacional. Uma questão crucial. *Revista Mexicana de Pesquisa Educacional*, 15 (47), 1147-1152, 2010. http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-66662010000400007&lng=es&tlng=es

DUARTE, J. Ambientes de aprendizagem: uma abordagem contextual. *Estudos pedagógicos (Valdivia)*, (29), 97-113, 2003.

FALCÃO, M. A educação a distância e sua relação com as novas tecnologias de informação e comunicação. *MediSur* 11 (3), 280-295, 2013. http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1727-97X2013000300006&lng=es&tlng=es

FERRER, A. Avaliação e mudança dos sistemas educativos: a interação necessária. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 16 (59), 275-296, 2008. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362008000200007>

GARCÉS, E., GARCÉS SUÁREZ, E.; ALCÍVAR, O. As tecnologias de informação na mudança do ensino superior no século XXI: Reflexões para a prática. *Revista Universidade e Sociedade*, 8(4), 171-177, 2016. http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2218-36202016000400023&lng=es&tlng=es

GARCIA, E. Desafios para uma pedagogia inovadora no contexto da continuidade da crise sanitária. *Boletim de Opiniões Ibero-Americanas em Educação da Universidade Miguel de Cervantes*, (17), 32-33, 2021.

GARDUÑO, R. Objetos de aprendizagem na educação virtual: uma abordagem em biblioteconomia. *Pesquisa em Biblioteca*, 20 (41), 161-194, 2006.

GRACIA, M. Salas de aula híbridas: tecnologia e educação em um mundo pandêmico [artigo na web]. *o jornal*, 2020. Obtido em <https://www.elperiodico.com/es/trabajos/innovadores/20200902/aulas-hibridas-wacom-vuelta-cole-educacion-pandemia-8095324>

HERNÁNDEZ, R. Educação híbrida: Reinvenção da nossa práxis educativa em tempos de crise. *Boletim de Opiniões Ibero-Americanas em Educação da Universidade Miguel de Cervantes*, (17), 7-8, 2021.



LEW, D.; HERRERA, F. Normalidade pós-pandemia: uma nova normalidade socioambiental ou adeus à normalidade? **Observador de Conhecimento**, 5(2), 144-167, 2020.

LORENZO, M. Cientistas apontam que depois da pandemia a normalidade pode demorar pelo menos dois anos. **o jornal**. 2020.

MARÍN, N. **Derrote o inimigo perdoando-o**. Venezuela: Editorial Ignaka CA. 2012

MATUS, C.; HAYE, A. Normalidade e diferença na escola: Desenho de um projeto de pesquisa social a partir do dilema político-epistemológico. **Estudos Pedagógicos (Valdivia)** 41 (especial), 135-146, 2015.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Declaração universal dos direitos humanos**. A. 1948. Obtido em <https://www.un.org/es/universal-declaration-human-rights/>

ONU - Organização das Nações Unidas. Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais. **Direitos Humanos das Nações Unidas, Gabinete do Alto Comissariado**. 1966. Extraído de <https://www.ohchr.org/sp/professionalinterest/pages/cescr.aspx>

OPS - Organização Pan-Americana da Saúde **A OMS caracteriza a COVID-19 como uma pandemia** [nota web]OP. 2020. Obtido em https://www.paho.org/hq/index.php?option=com_content&view=article&id=15756:who-characterizes-covid-19-as-a-pandemic&Itemid=1926&lang=es

SEVILLANO, S.; YUPARI-AZABACHE, I. Impacto do COVID-19 na formação de estudantes de medicina no Peru. **Revista da Faculdade de Medicina Humana**, 20 (3), 534-535, 2020.

TELESUR. A vacinação anti-Covid começa em vários países da América Latina [artigo da web]. **Telesur**.2020

UNESCO. Campanha “A Nova Normalidade” da UNESCO [nota da web];. **Unesco**. 2020.Obtido em <https://es.UNESCO.org/campaign/nextnormal>

VARGAS, A. Impacto da epidemia de Coronavírus (COVID-19) na saúde mental do pessoal de saúde e da população em geral na China. **Jornal de Neuro-Psiquiatria**, 83 (1), 51-56, 2020.